

Eixo Temático ET-06-007 - Processos de Ensino Aprendizagem

O OLHAR DE ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL E EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS SOBRE AS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS (IST), JOÃO PESSOA-PB

Flávio Vieira Carvalho da Silva¹, Ana Laura Calazans dos Santos¹, Luis Guilherme Teixeira dos Santos¹, Maria de Fatima Camarotti²

¹Graduandos em Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Federal da Paraíba.

²Professora do Departamento de Metodologia da Educação da Universidade Federal da Paraíba – DME/CE.

RESUMO

A inserção de temas transversais nos currículos escolares se faz necessário, tendo em vista a carência de conteúdos que são importantes para a formação integral dos educandos. O período da adolescência é caracterizado por uma série de transformações, como físicas e comportamentais, é nessa fase que os jovens começam a ter suas primeiras experiências relacionadas à sexualidade. Sendo assim, é importante que temas relacionados a esse aspecto sejam abordados pela escola, entre eles, as Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), a fim de que estejam preparados para evitar possíveis comportamentos inadequados que possam afetar sua saúde. Diante disso, esse estudo buscou investigar a percepção de estudantes do ensino fundamental e da educação de jovens e adultos (EJA) sobre as IST. O estudo descritivo, de caráter quanti-qualitativo, foi realizado a partir da aplicação de questionários, tendo como público alvo estudantes do 9º ano fundamental e dos ciclos 3º e 4º da EJA, matriculados em uma escola pública do município de João Pessoa-PB. Os resultados demonstram que existe pouca diferença sobre o conhecimento em relação às IST entre os dois grupos pesquisados, ambos possuem uma concepção ainda simplista e pouco elaborada sobre a temática, mesmo reconhecendo a importância de estudá-la e o melhor meio de prevenção. Portanto, evidencia-se que intervenções relativas ao tema sejam tomadas a fim de contribuir para uma educação mais alinhada as demandas provenientes dos educandos, contribuindo para uma formação transformadora e que tenha impacto em seu cotidiano.

Palavras-chave: Educação Básica; Sexualidade, Temas Transversais.

INTRODUÇÃO

Diante das mudanças que vêm ocorrendo na atualidade, em sua maioria sendo representadas por processos de transnacionalização das informações, surge a necessidade de uma educação que seja capaz de acompanhar esses processos, desse modo, sendo preciso rever os objetivos educativos. Portanto, busca-se que a formação cidadã possa ser desenvolvida de forma plena, corroborando para que a aprendizagem passe a ser integradora.

Para cumprir esses novos objetivos a organização da educação brasileira passa a tratar temas transversais que possam dar margem para o desenvolvimento de uma postura mais crítica e reflexiva. Diante disso, o currículo acaba ganhando uma maior

flexibilização, permitindo que diversos temas possam ser tratados de forma contextualizada com as realidades políticas e sociais de cada região. É necessário que o ensino de Ciências propicie o desenvolvimento de competências que envolvam essas temáticas sociais, permitindo ao aluno lidar com as informações, compreendê-las, elaborá-las e contestá-las quando for o caso.

A inserção desses temas nos currículos das escolas brasileiras tanto do ensino fundamental quanto do médio tem como intuito propiciar o resgate da dignidade humana, a igualdade de direitos, a participação ativa nos aspectos sociais e a corresponsabilidade pela vida social (ARAÚJO, 2003).

O tema transversal “Orientação sexual” aborda questões como relações de gênero, prevenções de infecções sexualmente transmissíveis (IST), o corpo humano como uma matriz para a sexualidade, etc. e se faz de fundamental importância para propiciar a discussão dos diferentes tabus, preconceitos, crenças e atitudes existentes na sociedade em um ambiente ofertado pela escola (BRASIL, 1998).

A adolescência é uma fase marcada por muitas transformações corporais (puberdade), psicológicas e sociais. Segundo Bianculli (1997) “na puberdade, ocorrem mudanças orgânicas que tendem à maturação biológica adulta com dimorfismo sexual e capacidade reprodutiva”. E nesse cenário o interesse é aguçado em relação ao conhecimento do próprio corpo e da sexualidade, por isso se faz necessário que os jovens sejam devidamente orientados para evitar que não tomem decisões induzidas pela curiosidade. Diante disso, a escola exerce um papel importante nessa formação do sujeito. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN):

[...] A escola, ao propiciar informações atualizadas do ponto de vista científico e explicitar os diversos valores associados à sexualidade e aos comportamentos sexuais existentes na sociedade, possibilita ao aluno desenvolver atitudes coerentes com os valores que ele próprio elegeu como seus (BRASIL, 1998, p. 83).

Uma grande maioria dos jovens inicia sua vida sexual na adolescência, e práticas de relações sexuais desprotegidas podem ocasionar em IST que podem causar danos graves a saúde do indivíduo. Segundo o Ministério da Saúde, as IST são causadas por vírus, bactérias ou outros microrganismos. A principal forma de transmissão é por meio do contato sexual (oral, vaginal, anal) sem o uso de preservativos, com uma pessoa que esteja infectada. Mas também podem ser transmitidas durante o parto ou amamentação ou durante a gestação, da mãe para a criança e pela utilização de seringas, agulhas ou outro material perfuro cortante partilhado.

A falta de conhecimento pode ocasionar resultados desastrosos e posturas totalmente inadequadas frente a problemáticas importantes e com relação às IST não poderia ser diferente. Por isso, o ensino de ciências ocupa tamanha importância no que se diz respeito à disseminação do conhecimento. Com o avançar das décadas, até o início do século atual, o objetivo mais fundamental do ensino de ciências passou a ser o de munir os alunos para a identificação de problemas a partir da observação, consequentemente o instigando a levantar hipóteses, e a fim de prova-las ou refuta-las, testa-las ou abandona-las quando se fizesse necessário, mas sempre trabalhando para que houvesse pensamentos independentes em suas tomadas de decisões. Indo além, em sua forma mais produtiva o aluno seria capaz de superar a ciência que o guiará até ali,

redescobrir o já conhecido pela ciência. Essa configuração é conveniente com todos os âmbitos científicos trabalhados em sala, incluindo os temas transversais.

Ao que se diz respeito à temática IST, que surge atrelada a uma realidade prematura, de relações sexuais e contatos íntimos cada vez mais cedo, é notório a necessidade de uma abordagem científica para conscientizar e aproximar os alunos que se encontram nessa realidade, muitas das vezes, sem respostas para situações ou acontecimentos da sua realidade.

Sendo assim, preza-se pela ciência como um fenômeno aplicável a vida dos que a estudam, colaborando para uma compreensão de mundo que se transforma, reconhecendo o homem como parte do universo e como indivíduo que interfere, interage, e compartilha desse espaço. Dessa forma, trazendo o aluno para uma posição de investigação sobre o seu entorno e a si mesmo, permitindo a aplicabilidade do que está sendo ensinado em seu dia-a-dia, ou seja, causando a imersão do conteúdo (LAKATOS; MARCONI, 1992).

Diante disso, as IST demonstra ser um tema relevante e que, portanto, deve ser trabalhado de forma transversal para minimizar sua ocorrência entre os jovens, e as ações desenvolvidas em sala de aula funcionarão para construção de uma aprendizagem atitudinal, em que os educandos poderão aplicar esse conhecimento para sua vida, fazendo relação dos conhecimentos científicos com sua realidade pessoal.

Assim, o objetivo desse trabalho foi investigar a percepção acerca das Infecções Sexualmente Transmissíveis entre os estudantes da educação básica de uma escola pública de João Pessoa–PB.

MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa em questão pode ser caracterizada como sendo do tipo quali-quantitativa. Para Richardson (2017), a abordagem quantitativa possibilita empregar-se modelos estatísticos para a análise de dados, enquanto a qualitativa tem como características o foco na subjetividade da problemática investigada, dando ênfase na perspectiva dos informantes, segundo Flick (2013).

No intuito de descobrir com maior grau de precisão a natureza e as características do tema investigado, assim como suas conexões com outros contextos foram adotados os pressupostos teóricos metodológicos da abordagem descritiva.

A pesquisa foi realizada entre junho e agosto de 2019, junto a uma Escola Municipal localizada na zona periférica da cidade de João Pessoa – PB.

A população total desse estudo constituiu-se por estudantes matriculados no 9º ano do ensino fundamental e no 3º e 4º ciclos do EJA do turno vespertino da referida escola, que estavam presentes em sala de aula e concordaram em participar da pesquisa no dia da aplicação dos instrumentos de coleta de dados. A identidade de todos os entrevistados foi preservada.

Como procedimento metodológico para coleta de dados foi utilizado o questionário, instrumento estruturado através de questões capazes de buscar informações sobre diversos aspectos, dando a possibilidade de fazer a mensuração e descrição de determinado conhecimento (RICHARDSON, 2017).

A primeira parte do instrumento continha questões referentes a identificar características sócio - demográficas da população estudada, já a segunda parte era composta por sete questões objetivas e subjetivas que buscavam identificar a percepção dos estudantes sobre as IST.

Para a devida análise dos dados, foi utilizada a análise de conteúdo, já para auxiliar no tratamento dos dados de cunho mais objetivo, foi utilizado o programa computacional Excel.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta análise contou com a participação de 34 estudantes, na qual 22 encontravam-se matriculados no nono ano e 12 na Educação para Jovens e Adultos (EJA). Os participantes possuíam entre 14 e 18 anos na turma do 9º ano, enquanto a faixa etária se estendia entre 15 e 22 anos nas turmas de EJA. A utilização das duas turmas, sendo uma delas do Ensino Fundamental e outra do EJA, busca a diversificação de respostas em relação às concepções individuais de cada aluno inserido em ambas as turmas.

O ensino das IST, que abrange desde os métodos preventivos, sintomas, transmissão, etc, está incluído nos PCN (BRASIL, 1998), dentro dos temas transversais. Sendo assim, é esperado, que ao momento de aplicação do questionário, os alunos já tenham tido contato formal, ou informal sobre a temática.

Ao serem questionados sobre a noção geral do que seriam as IST, 91% dos alunos do nono ano afirmaram ter conhecimento sobre o tema. Com opções de múltipla escolha, a Escola foi o meio de informação mais apontado por estes estudantes, com 68 %, ficando à frente de Sites 36% e Família 31%. Por outro lado, 75% dos alunos do EJA afirmaram ter conhecimento do que seriam as IST, enquanto a Escola ainda continuou sendo o principal meio de informação apontado pelos alunos com 58% das escolhas. A Família 50% e as Redes Sociais 50% mantiveram-se equiparados. Apesar de outros meios serem apresentados, como as Redes Sociais ou Amigos, nos quais se espera maior contato com esse assunto de forma informal, a Escola ainda se detém como o meio de informação principal acerca da temática.

Diante disso, observa-se que em algum momento da trajetória escolar dos respondentes a escola foi responsável por ser o meio de apresentar a temática IST aos estudantes da educação básica, corroborando com o que é previsto nos PCN, quando aponta que a escola deve ofertar a possibilidade que diferentes temas relacionados à orientação sexual sejam inseridos nos planos de ensino, colaborando para o desenvolvimento de estudantes que estejam prontos a exercer uma postura crítica acerca de temas da atualidade (BRASIL, 1998).

Todavia, também foi observado que grande parte dos estudantes apontou a família, sites e redes sociais como fonte de conhecimento sobre as IST. Portanto, ainda existe uma escassez em relação à discussão sobre sexualidade em ambientes de convivência dos jovens e adolescentes, isso acaba fazendo com que eles busquem informações em lugares pouco confiáveis (MOURA *et al.*, 2015).

Quando questionados quais das alternativas presentes na questão três não era uma IST (Figura 1), não houve uma grande discrepância entre as escolhas dos estudantes do nono ano e do EJA. A maioria identificou a gripe como não sendo uma IST. No entanto, nota-se que mesmo em proporção bem inferior, ambos os grupos de estudantes marcaram Sífilis, Condiloma acuminado e Hepatite B como não sendo uma IST. Ainda, observou-se que ambos os grupos foram assertivos ao indicar a Aids como sendo uma IST.

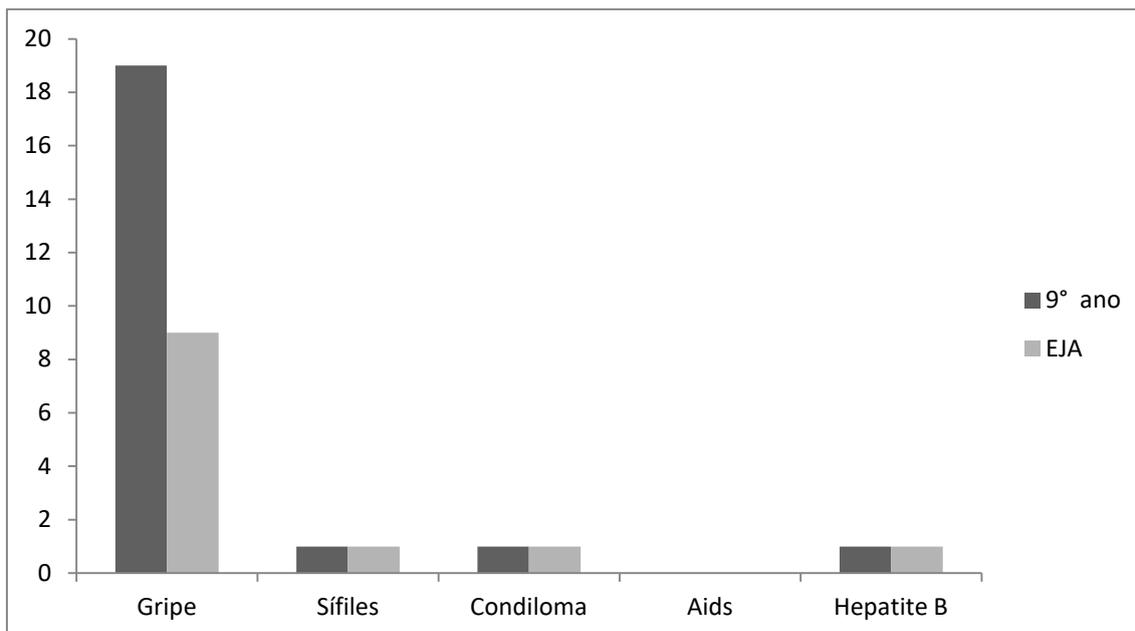


Figura 1. Percepção dos estudantes de uma Escola da educação básica de João Pessoa/PB, sobre quais das alternativas não seriam uma IST. **Fonte:** Dados da pesquisa, 2019.

Essas escolhas podem estar relacionadas ao grau de aprofundamento do tema apresentado aos jovens, visto que, mesmo Sífilis, Hepatite B e Condiloma acuminado serem infecções comuns, sua divulgação ainda é superficial quando comparada a Aids, que geralmente é a IST mais discutida nos meios de comunicação informal. Em um estudo semelhante com adolescentes de uma escola pública realizado por Moreira *et al.* (2012), também foi observado que com exceção da Aids, o conhecimento sobre IST era escasso.

Com relação a melhor maneira de prevenir uma IST, as repostas dos dois grupos foram semelhantes, ambos, nono ano 59,0 (%) e EJA 66,6 (%), apontaram a camisinha/preservativo como sendo o meio mais adequado para prevenir uma IST, conferido com o que é colocado por Moura *et al.* (2011), quando afirma que o preservativo masculino é o meio de proteção mais difundido entre pessoas sexualmente ativas, capaz de proporcionar proteção tanto contra gravidez quanto Aids e outras IST. Outro comportamento comum nessa questão foi a ausência de respostas. 36,3 (%) entre os alunos do 9º ano e 25,0 % nos da EJA.

Na questão cinco, que buscava identificar se os respondentes consideravam importante estudar IST na escola (Figura 2), os estudantes do Ensino Fundamental que responderam Sim, representam 72,6 %, Não, 13,6% e não responderam 9,0%. Enquanto os da EJA 91,6 % responderam Sim e 8,3 % Não. Demonstrando que ambos os grupos consideram importante estudar esse tema na escola.

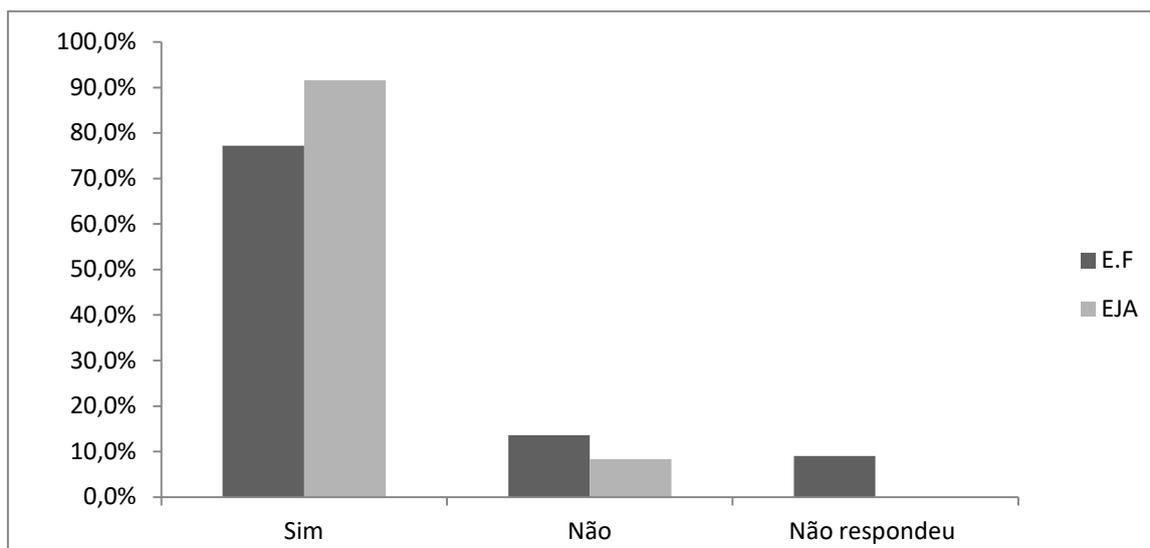


Figura 2. Grau de importância em estudar IST relatado por estudantes de uma Escola de educação básica de João Pessoa/PB. **Fonte:** Dados da pesquisa, 2019.

As respostas que justificam essas escolhas estão organizadas em categorias presentes nas Tabelas 1 e 2. Embora uma grande percentual, de ambos os grupos, não terem justificado a questão. Percebe-se que a maior parte dos respondentes do ensino fundamental acredita que seja importante estudar IST, pois essa informação pode ajudá-los a se prevenir, sendo que os da EJA também apresentam argumentos semelhantes.

Todavia, muitos ainda relacionam suas justificativas como sendo uma reponsabilidade da escola tratar sobre esse tema, assim como aprender sobre métodos contraceptivos. Essa relação entre DST e contraceptivos também foi evidenciado nos estudos de Moreira *et al.* (2012).

Tabela 1. Dados referentes às categorias de análise em frequência relativa sobre a importância da escola em trabalhar o tema IST, relatado por estudantes do Ensino Fundamental de uma Escola de educação básica de João Pessoa/PB.

ENSINO FUNDAMENTAL	FR (%)
Evitar contaminação	4,5 %
Informar para prevenir	50,0 %
Outros	4,5 %
Sem repostas	40,1 %
TOTAL	100 %

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Tabela 2. Dados referentes às categorias de análise em frequência relativa sobre a importância da escola em trabalhar o tema IST, relatado por estudantes da Educação de Jovens e Adultos de uma Escola de educação básica de João Pessoa/PB.

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)	FR (%)
Métodos contraceptivos	16,6 %
Informar para prevenir	33,4 %
Escola como responsável	8,4 %
Outros	16,6 %
Sem repostas	25,0 %
TOTAL	100 %

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Quando se buscou saber o posicionamento em relação a seguinte questão: “Na sua opinião, todas as IST são incuráveis?”. Os estudantes da EJA tiveram posicionamentos diferentes. 50,0% disseram que Sim, enquanto 50,0 % disseram Não. Já os do Ensino Fundamental, 22,7 % disseram Sim, 63,6 % disseram Não, e o restante 13,6 %, se abstiveram. Isso demonstra que conhecimentos mais detalhados sobre IST ainda são pouco elaborados entre os estudantes dessa instituição indo, portanto, contra o que é previsto nos PCN, quando afirma que a escola “Deve propiciar informações atualizadas do ponto de vista científico e explicitar os diversos valores associados à sexualidade e aos comportamentos sexuais existentes na sociedade” (BRASIL, 1998, p. 83).

Na sétima questão, indagava-se se os respondentes seriam amigos de uma pessoa com IST. Notou-se que muitos do Ensino Fundamental 45,5% optaram em não responder. 50,0% disseram que Sim e 4,5% escolheriam não ser amigo. Já entre os estudantes do EJA a postura foi contrária, todos responderam a questão, sendo que grande maioria, 91,7% disseram que Sim, e o restante 8,3%, optariam por não ser amigo.

Percebe-se, portanto, que o estigma em relação às pessoas com IST é mais acentuado entre os estudantes do ensino fundamental, isso pode estar associada à falta de maturidade e de informações corretas sobre meios de transmissão das mesmas. Alguns estudos realizados sobre a opinião de jovens em relação às pessoas soropositivas mostraram que parte desses detém uma opinião ainda preconceituosa sobre os soropositivos. Ou seja, ainda é uma questão que pode apresentar diferentes concepções em relação ao grupo objeto da pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo buscou investigar a percepção de estudantes do ensino fundamental e da educação de jovens e adultos sobre as IST.

De modo geral, observou-se que houve pouca diferença entre o conhecimento sobre as IST por parte dos dois grupos de estudantes. Ambos demonstram já ter possuído algum contato com a temática e conseguem responder adequadamente alguns questionamentos. Todavia, o conhecimento sobre informações mais detalhadas sobre a temática é pouco elaborada e muitos preferem não responder. Em relação aos modos de prevenção e ao preconceito com pessoas com IST, muitos optaram por não argumentar,

no entanto, os educandos da EJA apresentaram posturas mais assertivas sobre tais questionamentos.

Diante disso, observa-se que o conhecimento pouco elaborado sobre questões relacionadas às infecções e sexualidade pode interferir diretamente na vida dos jovens e adolescentes, uma vez que podem tomar atitudes capazes de afetar diretamente em sua saúde. Portanto, é necessário que a temática possa ser inserida de forma mais contextualizada com a realidade de ambos os públicos, a fim de que o conhecimento possa ser capaz de proporcionar uma postura atitudinal e que tenha impacto direto em seus comportamentos.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, U. F. **Temas transversais e a estratégia de projetos**. São Paulo: Moderna, 2003.

BIANCULLI, C. H. Realidad y propuestas para continência de la tranción adolescente em nuestro médio. **Adolescência Lationoamericana**, v. 1, p 31-39. 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretária de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: orientação sexual. Brasília, 1998.

FLICK, U. **Introdução a Metodologia de Pesquisa**: um guia para iniciantes. Porto Alegre: Penso, 2013.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Atlas, 1992.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis**. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/pt-br/publico-geral/o-que-sao-ist>>. Acesso em: 11 ago. 2019.

MOREIRA, S.B; PEREIRA, P. S; BRITO, A, M; DUARTE, A. E; BARROS, L. M. DSTs: Percepção dos estudantes da escola são Vicente de Paula, Exu-PE. **Enciclopedia Biosfera**, v. 8, n. 15, p. 2078, 2012.

MOURA, J. R. A; FIGUEIREDO I. G. A; SANTOS TNC, SOUSA E. C; VIEIRA T.F.; LIMA, S. E. A. Conversas de adolescentes sobre drogas e sexualidade: um relato de experiência. **Revinter**, v. 8, n. 2, p.117-130, 2015.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa Social**: métodos e técnicas. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

SCHOEN-FERREIRA, T. H. Adolescência através dos séculos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 26, n. 2, p. 227-234, 2010.